

## Comunicando experiências: O tempo, o vento e o narrador

Mariana Lima Marques<sup>1</sup> (UNICAMP)

### Resumo:

*Levando em consideração os estudos sobre literatura e sociedade feitos a partir do tema desenvolvido para a dissertação de mestrado (A dominação, o tempo e o vento: a dominação pessoal no romance histórico de Érico Veríssimo), foi de indispensável notoriedade a personagem de Floriano Cambará, que é romancista e autor de O Tempo e o Vento que, ao rememorar a história de sua terra e de sua gente, almeja terminar seu processo de crescimento e encontro de seu verdadeiro eu: gaúcho, escritor e anti-modelo do pai. Assim, numa tentativa de reconectar as ilhas do arquipélago (metáfora que ele confere à sua família, desmembrada e já sem identidade), Floriano recorre à Maria Valéria, sua velha tia que narra todos os acontecimentos importantes da linhagem que ajudou a fundar a cidade de Santa Fé, os Terra - Cambará. Através das histórias da tia e dos pertences históricos da família arquivados em um baú de lata, Floriano resgata suas raízes e narra 200 anos de História do Rio Grande. Ao narrar sua gênese, traça-se um paralelo com o texto O narrador, de Walter Benjamin, pois Floriano se dispõe a comunicar suas experiências, num processo que ilumina sua identidade e a dos demais gaúchos.*

**Palavras-chave:** Érico Veríssimo, Walter Benjamin, Narração, Memória, Intercâmbio de Experiências.

### Introdução

(...) Nenhum homem é uma ilha... O diabo é que cada um de nós é mesmo uma ilha, e nessa solidão, nessa separação, na dificuldade de comunicação e verdadeira comunhão com os outros reside quase toda a angústia de existir. (Floriano, em *O Arquipélago I*).

*O Tempo e o Vento*, considerada obra máxima de Érico Veríssimo e escrita entre os anos de 1949 e 1961, conta 200 anos de história do Rio Grande do Sul, enfocando a saga de uma família fundadora do Continente de São Pedro: os Terra-Cambará. No decorrer de seus três tomos, *O Continente*, *O Retrato* e *O Arquipélago*, os capítulos disponibilizados fora de ordem temporal, sucedem-se de uma forma que explica a ascensão e decadência dessa tradicional família da cidade fictícia de Santa Fé. Narrado em terceira pessoa, *O Tempo e o Vento*, revela em seu último volume que o autor da história é Floriano Cambará, primogênito do Doutor Rodrigo Terra Cambará, figurão do Estado Novo, e do qual Floriano é anti-modelo.

Ao se deparar com a possibilidade iminente da morte do pai, Floriano entra em um processo que o leva à busca de seu verdadeiro eu. Considera-se um adulto que não terminou de crescer, justamente por viver sob a responsabilidade de contradizer o pai em todas as suas ações, numa tentativa de compensar a mãe, Flora, do modelo de homem que ela conhecera como marido. Mulherengo, vaidoso, egoísta e seduzido pelas formas de poder, seu pai, Rodrigo é a imagem que ele tenta destruir em si mesmo. Nesse sentido, Floriano, ao se desconstruir, já não sabe ao certo quem é. Não se vê como gaúcho, não sabe até que ponto é uma versão reformulada do pai, ou como o medo de magoar a mãe acabou por retrair sua autenticidade.

Assim, num processo de auto-descoberta, Floriano se propõe escrever a história de sua terra, num projeto que iluminaria a sua identidade e, por conseguinte, a dos demais gaúchos. Essa construção se dá principalmente por intermédio de sua tia, Maria Valéria, que é a grande detentora das memórias da família Terra-Cambará e que, ao abrir seu baú de lata, passa a comunicar todas as suas experiências vividas que, ao serem absorvidas por Floriano, levam-no ao conhecimento e descoberta de seu verdadeiro eu.

A intenção do seguinte artigo é intercalar o processo vivido por Floriano Cambará com a proposta de Walter Benjamin em seu ensaio *O Narrador* (1987). Se, como autor propõe, a figura do narrador está cada vez mais ausente no mundo moderno, quer se traçar um caminho em que Floriano, em busca de si mesmo, reconstrói seu ser a partir das experiências compartilhadas com a tia Maria Valéria.

## **1. Comunicando experiências**

Dentre todos os encantos que tem *O Tempo e o Vento*, destacam-se as folhas poucas que dão forma ao “Caderno de Pauta Simples”. Escrito pela personagem Floriano, que se entrega à tarefa de recontar a história de sua família – os Terra Cambará -, o *Caderno* significa a volta do menino aos anos idos de sua vida onde descobriu o gosto pela leitura e pela escrita, se tornando anos mais tarde, no renomado romancista Floriano Cambará.

Quando criança, o menino sempre alheio aos folguedos infantis dos irmãos, do primo e da agregada Sílvia, se trancava na hospitaleira meia-água do Sobrado, vivendo através dos livros as mais fantásticas aventuras. As páginas empoeiradas que eram companheiras do filho mais velho de Rodrigo Terra Cambará, faziam descobrir mundos novos e consolavam o menino, tão brilhante na arte das letras e tão confuso quando se enveredava pelos caminhos da traiçoeira matemática.

Um mundo circundava o Sobrado, que era o centro de Santa Fé, a morada dos tradicionais descendentes de Rodrigo Cambará e da velha Bibiana, o prédio constantemente iluminado pelas velas que Maria Valéria acendia todas as noites ao checar se as portas estavam devidamente trancadas e as janelas de guilhotina baixadas.

Walter Benjamin diz que o narrador é uma figura cada vez mais ausente na modernidade. O motivo desse fato seria a perda, por parte do homem, de uma de suas propriedades fundamentais: a capacidade de comunicar experiências vividas (BENJAMIN, Walter. *O narrador*, in Magia e Técnica, Arte e Política. Brasiliense: SP, 1987). Sendo assim, quando Floriano Cambará volta a escrever em seu “Caderno de Pauta Simples”, o grande intuito é o de comunicar experiências; buscando o auto-entendimento, num processo extremamente dolorido que a própria personagem chama de “terminar de nascer”: “desde que cheguei tenho estado a me convencer a mim mesmo que se voltei a Santa Fé foi para acabar de nascer” (VERÍSSIMO, *O Arquipélago II*. Círculo do Livro: São Paulo, 1984, p. 55).

Com a ajuda do *Caderno*, Floriano retoma a sua história desde o início, descobrindo o quanto sua existência está profundamente ligada às leituras e escritas da juventude e também à terra onde nasceu. Assim, a comunicação que a personagem pretende estabelecer (com o mundo e consigo mesmo) se inicia através de linhas escritas em um caderno de pauta simples, o mesmo que o menino usava quando aluno da austera Dona Revocata, que lhe iniciou nas letras. Seu “Caderno de Pauta Simples” dá forma a seis capítulos de *O Arquipélago*, último volume de *O Tempo e o Vento*.

Nele, Floriano desvenda a alma do escritor que existe dentro de si e analisa seu mundo recorrendo às lembranças do passado, às suas experiências que acabaram por moldar a sua personalidade. Revive nas pautas simples nas quais escreve a idéia de sociedade santafezense que tinha quando menino, lembra-se da morte da irmã e das frustrações amorosas da juventude, desenhando com suas palavras um mapa que procura desvendar o que fez da “ilha” Floriano se distanciar do “continente” ao qual pertencia, simbolizado pelo Sobrado. A metáfora da ilha e do continente é muito utilizada por Érico Veríssimo, como já se percebe nos títulos dos tomos de *O Tempo e o Vento*: de *O Continente* se forma *O Arquipélago* de ilhas desconectadas e solitárias, o que representaria, na visão de Veríssimo (1984), uma contraposição entre o Rio Grande tradicional ao Rio Grande modernizado e marcado pela decadência da aristocracia rural. Utilizando uma citação da personagem Floriano,

“Estou chegando a conclusão de que um dos principais objetivos do romanista é o de criar, na medida de suas possibilidades, meios de comunicação entre as ilhas de seu arquipélago... construir pontes... inventar uma linguagem, tudo isso sem esquecer que é um artista, e não um propagandista político, um profeta religioso ou um mero amanuense”. (VERÍSSIMO, *O Arquipélago 1*, Círculo do Livro: São Paulo, 1984.p.197).

## **2. A história do Rio Grande apreendida através da oralidade**

A história da origem do Rio Grande do Sul é incerta. Os primórdios são retratados por Floriano – Veríssimo através de um viés que recorre ao mito. Percebe-se que essa fora a parte mais proveitosa do trabalho dos “autores”, já que a qualidade de *O Continente* é sobreposta pelos críticos aos demais volumes de *O Tempo e o Vento*. Quando os fatos narrados já podiam ser contrastados com os dados da historiografia, o trabalho do autor tornou-se mais dificultoso. Se, o narrador de *O Tempo e o Vento* é Floriano, a narrativa mais bem tecida que deu origem a *O Continente* se baseou na experiência passada de pessoa a pessoa através da oralidade e que, segundo Benjamin (1987), é a fonte da qual bebe todos os narradores. A supremacia do primeiro volume se justifica ainda quando o autor diz que “entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos” (BENJAMIN, Walter. *O narrador*. Op. cit p. 198).

Floriano é uma ilha. Uma ilha que está disposta se abrir para todo o Arquipélago em nome do resgate dos laços perdidos com o Continente do qual um dia todas as ilhas fizeram parte. Ao escrever a história de sua terra, Floriano busca o entendimento e percepção de sua própria experiência num processo que procura resultar em um auto-conhecimento através dos pormenores familiares que lhe são narrados pela tia Maria Valéria.

## **3. Uma narradora camponesa?**

Maria Valéria jamais saíra do Rio Grande do Sul. Porém, circula por três gerações da família Terra – Cambará e conhece todas as histórias de Santa Fé. Maria Valéria conviveu intimamente com a tia, Bibiana, que por sua vez fora neta da velha Ana Terra, umas das fundadoras da cidade de Santa Fé. Dessa forma, entre os dois tipos de narradores propostos por Benjamin (1987), Maria Valéria se enquadra ao tipo do camponês sedentário, já que, segundo Benjamin, “escutamos com prazer o homem que ganhou honestamente sua vida sem sair de seu país e que conhece suas histórias e tradições” (BENJAMIN, *O narrador*, op. Cit, p.198). Maria Valéria viveu muito, e mantém-se viva até o fim de *O Tempo e o Vento*. Sobreviveu às adversidades e às guerras, ajudou a criar duas gerações determinantes na trajetória da família Terra-Cambará. Por esses motivos, Maria Valéria é detentora de uma considerável gama de conhecimento e experiência, experiência que narra a Floriano, fornecendo material para o romance do sobrinho que conta 200 anos de história do Rio Grande. Segundo Benjamin, “a reminiscência funda a cadeia de tradição que transite os acontecimentos de geração em geração (...) ela tece uma rede em que em última instância todas as histórias constituem entre si” (BENJAMIN, *O narrador*, op. Cit, p. 211).

Maria Valéria, a narradora de fato, recorre à história do Negrinho do Pastoreio, tradicional lenda rio-grandense, num apelo para que sua família não se desmembre, ou seja; a tradição oral se mostra presente. No capítulo final de *O Retrato*, intitulado “Uma vela para o negrinho”, ao ver a tia acendendo velas por todo o quintal, Floriano pergunta o porquê da promessa ao Negrinho. Maria Valéria diz: “é pr’aquela gente achar o que perdeu” (VERÍSSIMO, *O Retrato*. Círculo do Livro: São Paulo, 1984, p. 536). Essa é uma das primeiras alusões que se faz à tentativa de Floriano narrar a retomada do eixo de comunicação dentro da família que se perdeu. Ao narrar, Floriano pretende ampliar o conhecimento acerca das ilhas que formam o arquipélago. Para isso, ele se utiliza da narrativa de Maria Valéria, conferindo às histórias contadas pela tia um caráter utilitário, como propõe

Benjamin, conferindo ao narrador o *status* de uma pessoa que sabe dar conselhos (BENJAMIN, *O narrador*, op. Cit, p. 200). Diz Floriano, em seu “Caderno”:

Quando a velha Maria Valéria anda pela casa nas suas rondas noturnas, com uma vela acesa na mão, vejo nela um farol. Estou certo de que a luz dessa vela poderá me alumiar alguns dos caminhos que ficaram pra trás no tempo. (...) a Dinda talvez seja a única pessoa capaz de me fornecer o mapa dessa terra para mim incógnita. (...) Nesses últimos dias temos mantido alguns diálogos (...) tenho tentado, com sucesso, que a Dinda me conte ‘causos’ de sua tia Bibiana e de seu marido, um certo capitão Rodrigo (...). Depois de muitas hesitações e resmungos, a Dinda me confia a chave do baú de lata que traz guardadas suas lembranças e relíquias. (...) Todas essas coisas me excitam a fantasia pelas suas possibilidades novelescas (...). (VERÍSSIMO, *O Arquipélago II*, op. Cit, pp. 177-178)

Ora, Floriano quer reconstruir a sua história para então completar seu processo de amadurecimento e auto-conhecimento. E isso se faz através da matéria que Maria Valéria lhe fornece. Se, como diz Benjamin, “aconselhar é menos responder uma pergunta que fazer uma sugestão sobre a continuação de uma história que está sendo narrada” (BENJAMIN, *O narrador*, op. Cit, p.200), é através da narrativa que Floriano construirá a sua história, que levará ao auto-conhecimento e propiciará sua continuidade, agora amadurecida. Amadurecida, pois, pela sabedoria adquirida pelo enriquecimento de sua experiência.

#### **4. Enriquecendo a experiência**

Floriano é um romancista. Escreve livros que são sucesso de crítica. Para Benjamin, “o primeiro indício que vai culminar na morte da narrativa é o surgimento do romance (...)” (BENJAMIN, *O narrador*, op. Cit, p. 201). Ainda citando o autor, “a origem do romance é o indivíduo isolado, que não pode mais falar exemplarmente sobre suas preocupações mais importantes e que não recebe conselhos e nem sabe dá-los” (BENJAMIN, *idem*). Tal citação esclareceria o fato de Floriano ser sempre superficial em seus romances, segundo a opinião crítica de Tio Bicho (um de seus melhores interlocutores), e de Sílvia, a cunhada por quem Floriano é apaixonado e que é sua leitora assídua. Citando um trecho de *O Arquipélago*, fala Floriano sobre a sua produção literária:

(...) Não estou satisfeito com minha própria literatura. Realmente, não tenho usado nem um terço de minhas reservas. A razão? Timidez, inibição, pudor de me desudar em público... Sei lá! Estou certo de que meus livros não deram nem sequer a pálida idéia de meu amor pela vida, da minha ternura (um pouco ressabiada e arisca, reconheço) pelas pessoas, de meu desejo de me aproximar delas (...) (VERÍSSIMO, *O Arquipélago II*, op. Cit, p. 349).

Completando a idéia, podemos acrescentar um trecho escrito por Benjamin: “o destino alheio graças a chama que o consome pode dar-nos o calor que não podemos encontrar em nosso próprio destino” (BENJAMIN, *O narrador*, op. Cit, p. 214). Sobre esse questionamento, Tio Bicho é implacável para com Floriano: “vejo que aos trinta e quatro anos ainda não abandonaste o vício solitário. Te contentas com ficções e faz-de-contas e não percebes que a vida, como uma fêmea, está te provocando, de saias erguidas” (VERÍSSIMO, *O Arquipélago II*, op. Cit, p. 358)

A ausência de entrega por parte do romancista também permeia a vida de Floriano, que jamais realiza a sua paixão por Sílvia ou se liberta da educação moral que o levou a se tornar anti-modelo do pai, (como já foi dito anteriormente), mulherengo, vaidoso e egoísta. Tal libertação só se dá a partir da troca de experiências com a tia, que o leva ao auto-conhecimento. A narrativa, segundo Benjamin “conserva suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de se desenvolver” (BENJAMIN, *O Narrador*, op. Cit, p.204).

Floriano resolve então traçar um plano que resulte num romance diferente de todos que ele havia escrito até então. Um romance que, ao mesmo tempo em que conta 200 anos de história gaú-

cha, saldaria sua dívida para com a terra natal, da qual sabia fazer parte, mas que, com a qual, não se identificava. Ao mesmo tempo, essa retomada significa a sua libertação ao conhecer os erros do pai e ao admitir o amor pela cunhada.

Através dos relatos de Maria Valéria e das relíquias de família guardadas em baú de lata, Floriano reconta a história de seu estado, o antigo continente de São Pedro, e por conseqüência, ilumina a sua identidade. Além de almejar conservar o que lhe foi narrado, como propõe Benjamin (1987), assegura a reprodução, através da escrita de um novo romance, que busca agregar novamente as ilhas do arquipélago desmembrado. Ao contar sua vida, Floriano revela a dignidade em contá-la inteira. Como sugere Benjamin, “o narrador é aquele que poderia deixar a luz tênue de sua narração consumir completamente a mecha de sua vida” (BENJAMIN, *O Narrador*, op. Cit, p. 221).

Floriano Cambará é uma personagem problemática. Dentro de seu ser se abrigam as mais diversas antíteses; condena o coronelismo, porém, ao mesmo tempo, não se engaja em nenhuma vertente política. Condena o pai por seu comportamento adornado de caprichos, mas sabe que as semelhanças entre os dois, sobretudo as físicas, são inegáveis. Tem para com a mãe, mais que o dever, mas a obrigação de se fazer um anti-modelo do pai, como diz em uma de suas citações em *O Arquipélago I*: “Eu não queria decepcionar minha mãe. Não queria que dissessem que por ser filho de tigre eu tinha saído pintado... O meu sonho era ser anti-Rodrigo, para compensar as decepções de minha mãe...”. (VERÍSSIMO, *O Arquipélago I*, op. Cit, p.337).

Durante toda a sua vida, distanciou-se do ideal masculino do Rio Grande, valente, violento e autoritário e se aproximou das figuras femininas da casa. Por esse motivo, no livro que escreve, Floriano dá voz às mulheres, afirmando que elas eram o chão em que os homens pisavam (VERÍSSIMO, *O Arquipélago II*, op. Cit, p. 458). Sobre a semelhança inegável de Floriano com o pai e também sobre sua resistência em aceitar sua autenticidade, diz Tio Bicho:

(...) te irrita um pouco não poderes fugir dessa tábua de valores que intelectualmente repudias. No entanto, todas essas regras de comportamento, esses tabus, esses ‘não presta’, ‘não pode’, ‘não deve’, ‘não é direito’, em suma, toda essa moral que no fundo nasceu da superstição e do utilitarismo estão incrustados no teu ser como um cascão do qual gostarias de te livrar. O que te preocupa também é que, por baixo dessa crosta és um homem igual a teu pai, com as mesmas paixões, impulsos e apetites... apenas com menos coragem de existir autenticamente. (VERÍSSIMO, *O Arquipélago I*, op. Cit, p. 344).

Diante da iminente morte do pai, Floriano se vê próximo da perda total de sua identidade. Morrendo Rodrigo, não há mais modelo algum para repudiar. Nesse processo, Floriano se vê nascendo novamente: acerta as contas com o pai num diálogo onde revivem as diferenças de uma vida toda. Floriano, a partir de então, se aceita como é, e como parte cabal de seu processo de amadurecimento, decide reconstruir sua história, numa tentativa de ordenar as parcelas fragmentadas de seu eu, iluminando sua existência, assim como a dos demais gaúchos, num processo que se propõe reconstruir a história do Rio Grande:

Há pessoas que continuam vida em fora presas às mães por um cordão umbilical psicológico. Comigo se passou o contrário. Esse cordão me prendia a meu pai. (...) O que estou tentando fazer com essa conversa (...) é cortar definitivamente esse cordão. (...) Acho que não é demais tentar de novo esclarecer o que tentei com essa conversa. Foi um cordial, honesto acerto de contas. Aceite-me como sou e eu o aceitei como é. Sem idealizações, sem ilusões (...) (VERÍSSIMO, *O Arquipélago 2*, pp. 375-376).

Ao intercambiar experiências com tia Maria Valéria, Floriano se permite escutar: ele entra em contato com o narrador e com a sabedoria que lhe é transmitida através da oralidade. Ao mesmo tempo em que ele adquire conhecimento e enriquece sua própria experiência, Floriano é aconselhado: a partir daí amadurece e redefine a própria história a partir do processo de comunicação de ex-

periências. Sobre o projeto do livro que contaria a história de sua terra (ou seja, *O Tempo e o Vento*), diz Floriano:

Espero que o simples ato de escrevê-lo seja uma catarse... depois, continuar a dança com máscaras até encontrar a minha máscara verdadeira. Não me angustiar demais com as minhas imperfeições e contradições e procurar, na medida de minhas possibilidades (...) construir pontes de comunicação entre as ilhas do arquipélago... (VERÍSSIMO, *O Arquipélago II*, op. Cit, p.405).

## **Conclusão**

O presente artigo buscou uma breve articulação baseada nos capítulos de *O Tempo e o Vento*, “Caderno de Pauta Simples” e o ensaio de Walter Benjamin, *O Narrador*. Utilizando a metáfora desenvolvida por Érico Veríssimo, Floriano é a personificação da ilha que se deslocou do continente: desde a mais tenra idade se sentia completamente deslocado dentro da machista sociedade gaúcha, procurando refúgio junto aos livros que lhe faziam companhia na hospitaleira meia-água do Sobrado.

Num processo que procura o auto-conhecimento e amadurecimento, Floriano retoma na pessoa de Maria Valéria a figura do narrador, tão rara na modernidade, como propõe o ensaio escrito por Walter Benjamin. Floriano se dispõe a ouvir, e através da comunicação de experiências da tia (acumulada pelos anos e convívio com antepassados que lhe narraram toda a história da família, que coincide com a formação do Rio Grande do Sul), Floriano se dispõe a narrar a história do antigo Continente de São Pedro, numa tarefa que ilumina sua identidade e promove seu crescimento interior.

*O Tempo e o Vento* tem em si um caráter paradigmático, pois é considerado por muitos gaúchos a história oficial do Rio Grande, tal fora seu sucesso quando publicado, sobretudo quando falamos do primeiro tomo da trilogia, *O Continente*. Assim, sendo escrito pela personagem Floriano, ao mesmo tempo em que a experiência acumulada promove seu crescimento pessoal, também esclarece a origem do gaúcho através de uma história que foi tecida através da experiência oral compartilhada.

## **Referências Bibliográficas**

- [1] BENJAMIN, Walter. *O Narrador*, in Magia e Técnica, Arte e Política. Brasiliense: São Paulo, 1987.
- [2] VERÍSSIMO, Érico. *O Continente*. Círculo do Livro: São Paulo, 1984.
- [3] \_\_\_\_\_. *O Retrato*. Círculo do Livro: São Paulo, 1984.
- [4] \_\_\_\_\_. *O Arquipélago I*. Círculo do Livro: São Paulo, 1984.
- [5] \_\_\_\_\_. *O Arquipélago II*. Círculo do Livro: São Paulo, 1984.

---

## **Autor(es)**

<sup>1</sup> **Mariana Lima Marques, mestranda**  
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)  
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas  
campineira@gmail.com